

A “guerra às drogas” e o racismo epistêmico do jornalismo¹

Carla Siqueira²

Universidade Federal Fluminense – UFF

Resumo

Entendendo o jornalismo como uma forma de conhecimento (GENRO FILHO, 1987; MEDITSCH, 1992), nosso pressuposto é o de que há nele um racismo epistêmico, que está na base de um discurso que historicamente desumaniza o Outro e legitima a violência contra ele. Através da análise da cobertura da chamada “guerra às drogas”, interessa-nos pensar em que medida o jornalismo pode ser compreendido como parte do dispositivo de racialidade (CARNEIRO, 2023), continuamente inscrevendo as populações racializadas no signo da morte, e assim contribuindo para o agravamento do genocídio negro (NASCIMENTO, 2016) e do apartaíde brasileiro (TAVARES, 2021).

Palavras-Chave: Jornalismo; Racismo epistêmico; Guerra às Drogas

Em *A Nova segregação: racismo e encarceramento em massa*, Michelle Alexander demonstra o viés racista da chamada “guerra às drogas” e como o encarceramento em massa de negros nos Estados Unidos é um fenômeno conectado ao passado escravocrata e a um modelo econômico excludente. A política criminal age como um filtro de segregação da população negra, relegando-a a um status permanente de segunda classe. Em vez de lidar com o consumo de drogas e a dependência química como um problema de saúde pública, vários países seguiram os EUA e declararam guerra contra seus próprios cidadãos, investindo em punição e combate e aumentando o sofrimento dos mais pobres e vulneráveis (ALEXANDER, 2017, p.21-22).

No Brasil, de passado igualmente escravocrata, os números evidenciam a eficácia do proibicionismo enquanto instrumento do racismo sistêmico (FEAGIN, 2006). Em 2020, o número de encarcerados no Brasil chegou a 760 mil. Destes, 67% são pessoas negras. Em 2019, tivemos 47 mil homicídios, sendo que 74% das vítimas eram negras. Desde os anos 1990, pesquisas apontam que a maior parte desses assassinatos acontece durante operações policiais, em nome da “guerra às drogas” (D’ELIA FILHO, 2007, p.37).

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em História Social da Cultura (PUC-Rio), pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFF, professora do Curso de Comunicação Social da PUC-Rio. E-mail: carla.siqueira@uol.com.br.

“Por que a morte de pessoas negras pelas mãos de agentes do Estado não causa uma crise ética global?”, indaga Denise Ferreira da Silva (2019). Por que o jornalismo não é capaz de evocar uma resposta da sociedade contra tanta violência? A questão, aqui, é pensar como o jornalismo participa do “processo de geração de indiferença para com aqueles considerados socialmente indesejáveis” (TAVARES, 2021, p.7).

Entendendo o jornalismo como uma forma de conhecimento (GENRO FILHO, 1987; MEDITSCH, 1992), nosso pressuposto é o de que há nele um racismo epistêmico, que está na base de um discurso que historicamente desumaniza o Outro e legitima a violência contra ele. Interessa-nos nessa pesquisa – em desenvolvimento – analisar o quanto o jornalismo opera simbolicamente nas tramas da colonialidade do poder (QUIJANO, 2000) e em que medida ele pode ser compreendido como parte do dispositivo de racialidade (CARNEIRO, 2023), continuamente inscrevendo as populações racializadas no signo da morte, e assim contribuindo para o agravamento do genocídio negro (NASCIMENTO, 2016) e do apartaíde brasileiro (TAVARES, 2021).

Na pesquisa em curso, através da análise da cobertura do RJTV, da TV Globo, sobre a chamada “guerra às drogas”, pretende-se construir uma cartografia epistemológica (SANTOS, 2009) e compreender as blindagens cognitivas (TAVARES, 2021) que, a despeito do genocídio negro, garantem a continuidade de uma cobertura jornalística que não questiona a chamada “guerra às drogas” e seus efeitos. As narrativas do século XXI serão relacionadas à proibição da maconha nos jornais desde o século XIX, buscando analisar como a permanência da estereotipia e de outros elementos discursivos reforçam a compreensão acerca do racismo epistêmico do jornalismo. Desejamos demonstrar, na longa duração, como o jornalismo atuou na construção de parâmetros que racionalizam (assim legitimando) o encarceramento e o genocídio negro, no âmbito da chamada “guerra às drogas”. Persistindo até hoje, a chamada “guerra às drogas” revela, tomando aqui emprestadas as palavras de Berenice Bento, “a existência de uma guerra racial continuada durante todo o período escravocrata e que não foi interrompida no pós-abolição” (BENTO, 2024, p.268).

Referências

ALEXANDER, Michelle. A nova segregação: racismo e encarceramento em massa. SP: Boitempo, 2017.

-
- BENTO, Berenice. *Abjeção – A construção histórica do racismo*. SP: Editora Bregantini, 2024.
- CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de racialidade – A construção do outro como não ser como fundamento do ser*. RJ: Zahar, 2023.
- D'ELIA FILHO, Orlando Zaccone. *Acionistas do nada: quem são os traficantes de droga*. RJ: Revan, 2007.
- FEAGIN, Joe R.. *Systemic racism: a theory of oppression*. NY: Taylor & Francis Group, 2006.
- GENRO FILHO, Adelmo. *O segredo da pirâmide*. Florianópolis: UFSC, 1987.
- MEDITSCH, E. O jornalismo é uma forma de conhecimento? IN: Conferência feita nos Cursos da Arrábida, Universidade de Verão, set. 1997. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.pdf>.
- NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro – processo de um racismo mascarado*. SP: Perspectiva, 2016.
- QUIJANO, Anibal. *Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.
- SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Ed. Almedina, 2009.
- SILVA, Denise Ferreira da. *A dívida impagável*. SP: Oficina de Imaginação Política e Living Commons, 2019.
- TAVARES, Júlio Cesar de Souza. *A experiência negra transnacional e a descoberta do apartaíde brasileiro*, Z Cultural – Revista do Programa Avançado de Cultura Contemporânea. UFRJ, 2021.